

# O sentido do peregrinar. A saída da terra da escravidão

MARJETA POTOCNIK\*

No âmbito das aulas de Metodologia do trabalho científico podíamos aprofundar um dos temas, que está ligado com o ano jubilar 2000. Interessa-nos de maneira especial o tema da peregrinação. Não só por causa das muitas bonitas e ricas experiências de peregrinações paroquiais e com os amigos a vários santuários, mas queria sobretudo perceber mais profundamente o sentido simbólico da peregrinação como caminho interior para a «terra prometida», caminho que cada homem percorre; porém, cada um percorre este caminho de maneira singular e não repetível, pois que esta peregrinação toca a mais profunda essência do ser humano, enquanto é o caminho de descoberta interior e o mais profundo entendimento do sentido da vida.

Neste breve trabalho queria pensar sobre a peregrinação como caminho interior, comparando este processo com o Êxodo do povo de Israel, do Egito para a terra de Canaã, e com a nossa peregrinação à luz da Páscoa do Novo Testamento. Na verdade, todo o homem tem dentro de si próprio o anseio de uma vida mais plena, anseio de verdade, de felicidade; cada homem procura o amor, mas não podemos aproximar-nos dele sem a partida das diferentes escravidões que nos bloqueiam, não podemos partir sem conversão, sem firmeza, prosseguindo o caminho até ao fim. Não só com as forças próprias, mas com a ajuda d'Aquele no qual «vivemos, nos movemos e existimos»

\* Trabalho curricular realizado pela autora quando era aluna do 1.º ano do curso de Licenciatura em Teologia e decorria o Jubileu do Ano 2000. N. da R.

(Act 17, 28). A reflexão sobre este tema pode servir-me como reflexão do caminho pessoal e também para a pastoral na paróquia. Uma parte da literatura usada é teórica mas lemos também duas narrações pessoais.

No primeiro capítulo queríamos brevemente falar sobre a peregrinação em geral. No segundo, debruçar-nos-emos sobre a peregrinação em si, a qual contém três características essenciais: a partida, o caminho e a chegada. Na conclusão procuraremos abranger alguns conhecimentos que este trabalho nos proporcionou, lendo-os no confronto com a própria experiência pessoal.

## 1. O que é a peregrinação

A palavra peregrinação deriva do étimo latino «*peregrinatio*» e antigamente significava «viagem para terra estrangeira»<sup>1</sup> ou «'andar pelo campo' (*per agros*), isto é, fora da cidade, ou seja do lugar normal da habitação, das próprias seguranças»<sup>2</sup>. *Peregrinus*, neste sentido e por analogia, significa simplesmente estrangeiro.

A ideia de peregrinação é muito interior à Bíblia e está sempre ligada à visita a um lugar sagrado, de culto a qualquer deus ou aparição de Deus a uma personagem importante. O mesmo exprime também a palavra eslovena que usamos para os lugares de peregrinação «*bozja pot*» que traduzida para português significa «caminho de Deus» ou seja lugar, onde Deus já nos precedeu, já caminhou ou onde O podemos encontrar.

Sob diferentes formas, em consonância com os valores espirituais e os hábitos da religião, a peregrinação encontra-se em todas as religiões e em todos os lados do mundo, porque é natural que o homem visite os lugares santificados pela presença divina ou onde se encontram relíquias e onde se espera receber de Deus uma graça especial.

Da história são conhecidas as peregrinações dos babilónios, egípcios, gregos, romanos, japoneses, dos povos bárbaros (p. ex. no território esloveno tinham sido descobertos vários vestígios dos santuários eslavos do tempo pagão, que foram depois «cristianizados»), que com as peregrinações queriam alcançar a benevolência dos deuses, purificar o corpo e a alma. Na Roma antiga havia um mês dedicado à purificação: era o mês de Fevereiro; *februare*, de facto, significa purificar.

As peregrinações existem também nas religiões hoje existentes: judaísmo, budismo, hinduísmo, islamismo e cristianismo. Vamos ver, ainda que muito sumariamente, o sentido da peregrinação em algumas delas.

---

1 ANICHINI, Guido, *Pelegrinaggio*, in *Enciclopedia Cattolica*, Casa Editrice G. C. Sansoni, Firenze, 1952, vol. 9<sup>a</sup> col. 1080.

2 ALVES, Herculano, *O símbolo da peregrinação*, «Biblica» 46 (2000)11.

**Budismo.** No budismo mais antigo, a peregrinação não é expressamente aconselhada, mas estava de certa maneira implicada na obrigação da vida itinerante imposta aos monges e era estimulada pelo desejo de venerar os lugares santificados da vida e da morte de Buda e pela presença das suas relíquias que foram distribuídas por oito lados da Índia. Existem também lugares de peregrinação fora da Índia.<sup>3</sup>

**Hinduísmo.** Na região do Himalaia e de Kashmir está localizada a maioria dos santuários visitados pelos peregrinos. São dedicados aos deuses Shiva, Kali, Vishnu Krishna. Visitados são também os rios sagrados: Ganges, Jumna, Narbada. O banho nestes rios cancela a impureza do corpo e da alma.<sup>4</sup>

**Islamismo.** Para os muçulmanos a peregrinação é uma das cinco obrigações fundamentais. Deve fazer-se a Meca pelo menos uma vez na vida. O peregrino entrado no sagrado recinto dá sete vezes a volta da ka'bah, beija a pedra preta, bebe a água do poço Zamzam, sobe ao Monte Arafat e desce no Vale de Mina. A peregrinação acaba com a segunda visita a ka'bah onde o peregrino depõe o hábito especial que vestia ao princípio e recebe o título de peregrino.<sup>5</sup>

**Judaísmo.** Lembramos sobretudo a grande peregrinação que juntava todos os israelitas no templo de Jerusalém para a Páscoa. Os peregrinos caminhavam em grupos cantando ao longo do caminho os salmos «da subida». No dia quinze de Nisan faziam a ceia ritual e visitavam o templo. As duas outras festas que chamavam os israelitas a Jerusalém eram o Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa e a festa das tendas, na semana quando terminavam as colheitas e vindima.<sup>6</sup>

**Cristianismo.** A prática de peregrinar sempre ocupou um lugar importante na vida dos cristãos. Ao longo da história, os cristãos peregrinavam para celebrar a sua fé nos lugares que indicavam a memória do Senhor ou daqueles que representavam os momentos importantes na história da Igreja. Visitavam os santuários que honram a Mãe de Deus e aqueles que mantinham vivo o exemplo dos santos. A peregrinação sempre foi um processo de conversão, expressão do anseio de intimidade com Deus e súplica confiante pelas próprias necessidades materiais.<sup>7</sup>

3 Cf. ANICHINI, Guido, *Pellegrinaggio*, in op. cit., col.1081.

4 Cf. *ibid.*, col.1082.

5 Cf. *id.*, *ibid.*

6 Cf. *ibid.*, col. 1081.

7 Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *A Peregrinação no grande Jubileu do ano 2000 – O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo* (8 Maio 1999), trad. e ed. port. das Edições Paulinas, Lisboa, 1999, pp. 3-4.

«Assim no cristianismo podemos distinguir vários tipos de peregrinação: A peregrinação de fé e devoção aos santuários; a peregrinação votiva, afim de cumprir uma promessa; a peregrinação ascética, no intuito de progresso espiritual (...); a peregrinação de penitência, como expiação de faltas graves»<sup>8</sup>.

«O cristão não é um nómada sem meta, mas é um peregrino, chamado por Deus, sustentado pela sua graça, o cristão caminha na certeza na fidelidade de Deus à sua promessa»<sup>9</sup>. Podemos dizer ainda que peregrinar significa pôr-se no caminho mas sobretudo avançar no sentido interior, é um caminho da mente e do coração, para «enraizar nele o projecto evangélico de Jesus»<sup>10</sup>. A identidade dos cristãos é a do peregrino. Esta condição lembra-lhes que, embora vivendo no mundo, não são do mundo (Jo 17, 16), mas têm uma pátria no céu (Fil 3, 20). O mundo é apenas um lugar de peregrinação, de passagem, a Páscoa perene quando sempre de novo caminhamos através das provações e do sofrimento para a Ressurreição, ao encontro de Deus Pai.

### *Conclusão da visão da peregrinação nas várias religiões*

Não obstante as diferentes manifestações da fé nas várias religiões ligadas à peregrinação encontramos também muitas semelhanças no sentido do peregrinar. O que nos faz pensar assim é o facto que muitos lugares sagrados ficam em cima dum monte ou num lugar difícil de alcançar, longe das cidades, em lugares de maior silêncio (monte santo). Este facto, revela o verdadeiro sentido do peregrinar: enquanto o caminho é difícil «exige, pois, sair de si mesmo e do ritmo monótono do dia a dia, para se pôr a caminho em direcção a um outro lugar ou outra situação, muitas vezes ignorada ou misteriosa»<sup>11</sup>. Para este caminho é necessário:

- Confiar em Deus.
- A ajuda dos outros. «As dificuldades de peregrinação congregam os peregrinos e tornam-nos mais solidários, nos perigos e nas alegrias, criam os laços de dependência e de partilha»<sup>12</sup>.

8 BRAGANÇA, Joaquim, O., *Sentido cristão do peregrinar*, in *Santuário de N.ª S.ª da Penha – Simpósio Mariológico*, Faculdade de Teologia, Braga, 1994, p. 54.

9 ARQUIDIOCESE DE BRAGA, *Programa pastoral e calendário para o Ano Santo 2000*, Empresa Diário do Minho, Braga, s/d, p.15.

10 COELHO, António, *Elementos do Jubileu*, in *Mensageiro do Coração de Jesus*, Ano 125 (2000), n.º 5, p.205.

11 ALVES, Herculano, *O símbolo da peregrinação*, p. 11.

12 COELHO, António, *Elementos do Jubileu*, *loc. cit.*, p. 205.

- Aspecto comunitário: liberta as pessoas das próprias seguranças, do egoísmo, abrindo-as aos outros.
- Coragem e firmeza na decisão de alcançar o fim.
- Estar atento ao essencial, sem luxo, sem riquezas «no despojamento e pobreza, porque não é possível transportar grandes bagagens (...), esta pobreza exterior simboliza a pobreza interior de desapego do que é terreno e a identificação com o ideal para o qual todo o ser humano peregrina»<sup>13</sup>.
- Convida à purificação através do sacrifício da subida e lembra a elevação do espírito para alcançar o objectivo final que é a vida nova.

Tudo isto nos diz que no mais profundo de si, não obstante a visão do mundo, o homem se reconhece como um ser imperfeito, mas que no fundo do coração anseia por uma vida em plenitude tornando-se sempre mais como ele próprio é na verdade, saindo de si mesmo indo ao encontro dos outros numa ajuda recíproca. Neste caminho de procura descobre o seu verdadeiro rosto.

## 2. As etapas da peregrinação

### 2.1. A partida

O que move o coração do homem para se pôr no caminho?

O que atrai o homem para que se decida a deixar a segurança da vida quotidiana, aquilo que conhece, a vida vivida no meio da família e dos amigos deixando tudo, tomando o alforje e o cajado, partindo e sabendo apenas que o fim existe, mas não conhecendo nem o caminho nem as pessoas que encontrar?

Não pensamos agora na peregrinação para um santuário concreto, mas numa peregrinação interior. Neste sentido reconhecemos que é preciso sempre uma miséria, uma opressão, desequilíbrio interior ou insatisfação para que o homem comece a pensar sobre a própria vida, para que o homem constate que é preciso mudar algo que não o deixa em paz, que o impele a procurar uma vida nova que desce ao mais profundo da interioridade. Como, por exemplo, o filho pródigo que, caindo em si, toma decisão de mudar de vida (cf. Lc 15, 17-18). Este facto é por vezes estimulado pela consciência que o homem toma de estar a perder a vida, como podemos

<sup>13</sup> ALVES, Herculano, *ibid.*

simbolicamente perceber no facto que aconteceu aos Israelitas quando todos os seus meninos eram lançados no rio (cf. Ex 1, 22), ou ao filho pródigo que disse: «Eu aqui morro de fome» (Lc 15, 17).

Também, se muitas vezes o homem tem a sensação de estar completamente abandonado, sozinho, sem forças, sem esperança na escuridão total, na verdade o Senhor vigia sobre o seu povo, sobre cada homem (cf. Ex 3, 7-8a). É o Senhor que vai ao encontro para ajudar o homem, para o libertar da escravidão da morte. Ele conhece o coração do homem e tem compaixão daqueles que vivem como ovelhas sem pastor (cf. Mt 9, 36). Nasce a esperança como um raio de luz porque existe uma vida diferente, mais verdadeira e cheia de sentido profundo e que é possível alcançar.

Por outro lado vêm também as dúvidas, o medo, as desculpas que querem parar o homem deixando-o no Egipto: apego desordenado a si próprio, medo de caminhar, de se abrir ao amor de Deus, medo de escutar, de fazer silêncio, pois isto implica mudança e conversão, o que provoca receio de deixar o que é habitual, cómodo, medo da ignorância dos horizontes que a peregrinação oferecerá<sup>14</sup>.

Deus, porém, dá a perceber donde vem a vida em abundância, dá no coração a entender a diferença entre os pensamentos mundanos e os pensamentos que provêm de Deus. Dá a coragem de partir e segui-Lo. O Êxodo narra que «os filhos de Israel partiram de Ramsés para Sucot» (Ex 12, 37). Orígens explica este facto referindo que a partida da escuridão deste mundo necessita em primeiro lugar desse partir de Ramsés. Este nome significa 'corrupção da ferrugem', significa não acumular os tesouros na terra onde a ferrugem e a traça os corroem (Mt 19, 21). É necessário vender tudo e seguir o Senhor (cf. Mt 19, 21)<sup>15</sup>. Também se o homem por vezes pode sentir o medo de ser perseguido pelo «exército do faraó, quando já se tinha decidido e já tinha começado a caminhar, é necessário permanecer firme na decisão e não recuar<sup>16</sup>.

Como última característica da partida podemos lembrar a importância dum guia como era Moisés para o povo de Israel. Ele era o ponto de referência em relação a Deus, ele confiava totalmente no Senhor, intercedia pelo povo e guiava-o em certa direcção. Assim também na peregrinação interior, no avanço para a outra terra, o guia espiritual ajuda a ler os «acontecimentos» espirituais no caminho, estimula, dá coragem, ajuda desde o princípio até ao fim.

14 Cf. ORTIGA, D. Jorge., *A peregrinação*, in *Acção Católica*, vol. 88 (2000), nº 4 pp. 376-377.

15 Cf. ORIGINE, *Omèlie sull'Esodo*, Città Nuova Editrice, Roma, 1981, pp. 99-100.

16 Cf. IGNACIJ LOJOLSKI, *Romarjeva pripoved* (autobiografia), Druzina, Ljubljana, 1990, p. 32.

## 2.2. O caminho

O Êxodo designa especialmente a saída do povo de Israel do Egito, a longa peregrinação que o levou do Egito para a terra prometida através do deserto. Este acontecimento não nos fala só do passado dum povo, mas é um acontecimento quotidiano e possível a todos. «Não é só uma passagem, espacial, (...) mas pessoal, da escravidão à liberdade. É o tempo da peregrinação que se percorre, antes de alcançar a casa da liberdade»<sup>17</sup>.

Também este caminho tem as suas etapas próprias, as paragens, quedas e avanços. Logo no princípio a peregrinação marca a alegria e a gratidão a Deus pela salvação do Egito, porque o povo percebe que foi a mão de Deus que abriu o Mar Vermelho. O mesmo sente o homem muitas vezes no caminho espiritual, sente que as forças para mudar a vida não provêm dele próprio mas de Deus como uma graça especial para poder deixar os hábitos velhos e abraçar a maneira de viver diferente. É a graça de Cristo, que atravessou outro Mar Vermelho de sofrimento, e a sua morte torna-se a porta de salvação. A terra prometida não se conquista facilmente; o grande dom tem de transpor grandes sacrifícios, de outra maneira o coração não muda, não se liberta.

Depois da alegria da Passagem do Mar Vermelho o caminho toma o rumo para o deserto e o povo chega a Mara. Não têm água, sofrem sede e murmuram contra Moisés. Foi lá que o Senhor deu ao povo leis e preceitos (cf. Ex 15, 22.25).

O homem abandonando a escravidão e tomando o rumo da vida nova num certo momento, toma a consciência que não tem nada. Gastou a água e a comida que trouxe para a sua peregrinação. Já não existe a segurança humana. É necessário confiar totalmente em Deus. Ele é a segurança da existência humana. É Ele que mostra como fazer da água amarga água potável (cf. Ex 15, 25), e dá os preceitos para se orientarem na vida, abre novos horizontes até agora desconhecidos.

Segundo a opinião de Orígenes, se a lei for assumida segundo a palavra, pode ser bastante amarga<sup>18</sup>. No madeiro que transforma a água para beber, podemos reconhecer o símbolo da cruz, do amor maior que nos mostrou Jesus Cristo. Só no amor desaparece a amargura da lei fria e transforma-a na corrente de água viva. Logo depois, com este «farnel», o povo alcança o Elim, símbolo de abundância, beleza e paz (cf. Ex 15, 27).

Quando o homem percebe que Cristo morreu pelos seus pecados, cometidos por si próprio, e contempla este grande amor de Deus, pode afas-

<sup>17</sup> SANTOS, Manuel M. Costa, *O homem peregrino*, in *Santuário de N<sup>e</sup> S<sup>a</sup> da Penha – Simpósio Mariológico*, p. 159.

<sup>18</sup> Cf. ORIGINE, *Omélies sull'Esodo*, p. 129.

tar-se da maneira antiga de viver, pode mudar a vida, porque reconhece o amor concreto e pessoal que o Senhor tem, pode aceitar a lei de Deus que é a lei do amor.

O homem não pode ficar para sempre no «Elim» da peregrinação, a terra da liberdade ainda não foi alcançada, o «Elim» é só o descanso de que precisa; o homem experimenta o caminho exigente antes da terra prometida, assinala o deserto Sin. A fome e a sede aproxima o homem da morte. É nesta angústia que se mostra toda a pobreza humana, a impossibilidade de dar a vida a si próprio. O povo de Israel revolta-se, lembra-se das panelas, da carne e do pão (cf. Ex 16, 3). Nesta solidão interior profunda, onde não se pode regressar ao «Egipto do trabalho, dos amigos, do luxo mundano», é que se descobre a própria fraqueza. Levantam-se as tentações, imagens do pensamento, sonhos para auto-consolação.

«É uma batalha onde morremos ao errado eu. Esta batalha ultrapassa muito as nossas forças (...) a sabedoria do deserto é, que o encontro com a nossa terrível nulidade constringe-nos para que nos entreguemos totalmente e sem condições ao Senhor Jesus Cristo»<sup>19</sup>.

É o Senhor que dá as codornizes e o maná, que abre o rochedo e jorra a água. O maná é só para um dia. Para não acumular, para não ligar o coração novamente às coisas, ao ter, ao formar casa, mas saber que é Deus que providencia para o homem. Atravessando muitas provas, aflições e tentações está-se preparado para ouvir o Senhor. Assim preparado, o homem pode aceitar a aliança que Deus faz com os homens. Só depois de todo este caminho se chega junto do Sinai.

A iniciativa é de Deus que testemunha o amor pelo seu povo, o chama e o protege, libertando-o da escravidão. O povo e todo o homem responde às vezes com amor e fidelidade, e por vezes, esquecendo-se da aliança, responde com idolatria. Mas Deus não desiste da sua aliança, nunca se esquece do seu povo, sempre de novo vai ao seu encontro porque o homem precisa da segurança total em Deus. Sem ela não se pode caminhar. Não se pode avançar na vida espiritual sem amor incondicional, sem a firmeza que se encontra no Senhor. E por outro lado, sem a resposta do homem, sem o compromisso, não há certeza da vida, não há garantia de chegar à terra prometida. A aliança envolve os dois – Deus e o homem – a aliança leva ao compromisso e os mandamentos tornam-se critérios de vida, vida que nasceu da acção libertadora de Deus. Assim também a nova aliança, na morte e Ressurreição de Cristo, é fundamento e alcance do novo povo e do novo homem para o qual somos chama-

19 NOUWEN, J. M. Henri, *Pot srca*, Zupnijski urad Ljubljana – Dravljje, 1992, p. 16. Trad. nossa.



dos a viver. A este monte somos chamados a chegar. É Sinai e Gólgota – lugar da revelação do amor de Deus. Mas mesmo depois de chegarmos junto deste monte, podemos vacilar se nos deixarmos convencer pelas tentações como aconteceu com o povo de Israel: «Façamos para nós um Deus, não sabemos o que teria acontecido a Moisés» (cf. Ex. 32, 1); ou: «Desce agora da cruz para nós vermos e acreditarmos» (Mc 15, 32). Moisés pediu a Deus perdão pelo povo e Cristo pede por nós junto do Pai. Deus não pode ser infiel a si próprio mesmo se o homem é infiel (cf. Hebr 4, 15-16). Deus renova a aliança, o povo arrependido mais uma vez decide seguir o Senhor.

O passo seguinte é a oferta dos bens pessoais que o povo oferece para o tabernáculo (Ex, 35, 4-5); cada um é convidado a dar com um coração generoso. Com estas ofertas será edificado o Santuário. Só o que oferecemos a Deus com generosidade, é que se transforma em morada do Senhor. O que oferecemos, Deus consagra-o e torna-se lugar da sua presença em nós, templos do Senhor. A oferta gratuita é como porta aberta do coração para que o Senhor venha e fique connosco.

### 2.3. *Chegada*

Passados que foram quarenta anos, só à nova geração humilde e confiante em Deus, a ela, é que mais uma vez se abrem as águas, para entrar na terra à qual tanto ansiava chegar. É a vida inteira do homem que é uma Peregrinação, «em que cada ser humano procura o mais profundo de si mesmo, procura o Senhor, o único que dá sentido à sua vida»<sup>20</sup>. O povo de Israel ensina-nos a ter sempre diante dos olhos o que o Senhor fez por nós, a transmitir de geração em geração as maravilhas do Senhor. Vale a pena abrir-se Àquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida e que nos conduz ao Pai.

A chegada em si mesma não teria sentido, se não se resultasse numa mudança profunda de vida: viver de maneira livre, mas não sozinho, não viver para si mesmo. A chegada contém a missão. A longa caminhada através do deserto, o processo de libertação, a experiência da comunidade caminhante e a proximidade de Deus, alargam o lugar da tenda da vida do homem, para poder convidar os outros a participar da sua própria vida e para que assim possa aumentar o amor pelo Senhor, na partilha da vida, vivendo numa comunhão mais profunda.

<sup>20</sup> ALVES, Herculano, op. cit., p. 12.

É a partir da experiência do que o Senhor fez por nós, até ao ponto de dar a sua vida, que também nós aprendemos que o mais precioso de nós é para os outros, para que também eles participem dessa vida. Por isso o povo de Israel sabe a importância de dever transmitir de geração em geração a memória do passado, porque, narrando esta memória, mantém-se vivo o diálogo com o Senhor e aumenta a gratidão, na certeza que foram salvos pelo Senhor. Daí que todas as peregrinações que os israelitas fazem pressuponham o caminho feito, e sejam como o perpetuar dessa memória.

## Conclusão

Numa breve conclusão, podemos dizer que a prática de peregrinar para os lugares santos existe já desde tempos antigos nos diferentes povos, nas diferentes religiões, até hoje. Tal prática apresenta-se como uma manifestação geral – humana –, é um caminho que nos fala dum mesmo fundamento antropológico: o homem como um ser a caminho, um ser em procura contínua do sentido da própria existência (mais ou menos consciente) e um ser que anseia por uma vida mais plena que o pode ou não encontrar fechado em si mesmo. A peregrinação apresenta-se como um meio privilegiado que permite ao homem abrir-se a Deus e abrir-se aos outros, mas sobretudo ao Outro, que é princípio e fundamento de cada vida humana.

O caminho do êxodo do povo de Israel apresenta-se-nos como uma experiência rica, experiência de um povo, mas que pode encontrar ecos na vivência de cada pessoa que ainda hoje se decida a seguir o Senhor, com todo o coração. Os vários obstáculos que o povo encontra parecem ajudá-lo no amadurecimento e na atitude de humildade necessária para reconhecer na própria vida as maravilhas que o Senhor operou por ele. No entanto, a plenitude desta experiência encontra-se no caminho que Cristo abriu para nós, tornando mais concreto e tangível o amor de Deus por nós. Com Cristo é a nossa própria peregrinação interior que se abre na gratidão da sua morte por nós. E esta experiência radical de amor abre-nos ao amor pelos outros, levando-nos a alargar o espaço da nossa tenda, abrindo-nos à comunhão.

Podemos dizer também que a peregrinação quotidiana de cada homem exige uma contínua reflexão sobre o caminho já feito, para alcançar uma maior clareza para o futuro; a peregrinação de cada dia, exige sinceridade do homem para consigo próprio e abertura a si mesmo. É necessário ao ser humano, reconhecer no próprio coração o lugar onde está, para discernir continuamente o sentido do caminho ainda a fazer e a meta para onde se encaminha.